

Das guerras à pacificação nas dinâmicas criminais e lutas faccionais armadas nas favelas à beira-mar em Fortaleza.

Leonardo Sá, Izabel Accioly e Larissa Reis

Introdução

Depois de uma série de chacinas na cidade de Fortaleza, cujas suspeitas recaem sobre a atuação de grupos de extermínio compostos majoritariamente por policiais militares, diversas áreas deflagradas, marcadas por intensos conflitos armados entre “comandos”, “gangues”, “facções”, entre outros bandos armados envolvidos em “tretas” em circuitos de vingança e de disputa por espaço, que se definem como sendo “do crime”, foram tema de notícias que se espalharam pelas redes sociais e no boca a boca, no cotidiano da cidade, em torno de um processo de pacificação inédito nas favelas, bairros populares e periferias, contanto com a atuação do Primeiro Comando da Capital e do Comando Vermelho nas prisões cearenses e nas ruas, provocaram efeitos amplos nos segmentos dos fluxos de opinião pública midiática e popular. A partir de trabalho de campo etnográfico que desenvolvemos desde 2008 em favelas à beira-mar da orla do espaço metropolitano da capital cearense, buscamos interagir com alguns membros de tais facções e moradores do entorno de duas favelas históricas, Serviluz e Pirambu, com mais de 70 e 100 anos de existência, respectivamente, a fim de discutir os significados atribuídos pelos agentes sociais a esse processo de pacificação no mundo do crime. O objetivo deste paper é descrever e analisar a partir do nosso acesso etnográfico, apoiando-nos em entrevistas em profundidade recentes com moradores das duas favelas citadas, as dimensões da atual mudança nos conflitos que envolvem a produção social do inimigo nas “tretas”, “rixas” e disputas, onde as práticas de extermínio estão conectadas às formas relativas da alteridade no universo da socialidade guerreira de meninos e rapazes “maquinados” (em armas). Após a pacificação, dois tipos de eventos nos chamaram a atenção: as execuções de membros do crime que desobedeceram às novas regras e as festas unificadas das facções nomeadas “bailes de favela”, onde ex-rivais e ex-inimigos, os “envolvidos” e os “não envolvidos”, convivem sem agressões mútuas, o que não quer dizer que tenham se tornado “amigos”, como pontuam os relatos dos nossos interlocutores. As estratégias discursivas do crime, após a pacificação, estão adotando os policiais como inimigos comuns a todas as facções, o que tem deixado os agentes da lei

publicamente ansiosos e em estado de alerta. As comunidades locais observadas eram anteriormente divididas em segmentos territoriais separados por fronteiras de tensão e de guerra devido aos constantes conflitos de poder e aos circuitos de vingança a eles ligados. Tais segmentos eram comandados por “gângues” que impediam com ameaça de violência o trânsito de qualquer morador pertencente à área de segmentos inimigos. Com a abertura das fronteiras, os moradores dessas comunidades podem circular livremente por todo o bairro sem sofrer retaliações. Buscamos compreender as especificidades das referidas comunidades, entender como o processo de pacificação aconteceu e como ele está sendo recebido e percebido pelas pessoas que habitam esses lugares.

Nas favelas à beira-mar, onde há meninos, rapazes e homens participando de bandos armados, envolvidos em lutas locais pelo poder social, participando de facções, comandos e gângues capazes de fazer enfrentamento guerreiro uns aos outros, capazes de dar combate, de agir individualmente ou coletivamente para matar o inimigo, eliminar violentamente a alteridade, querer falar mais alto do que outro é percebido como uma atitude altamente perigosa e que pode precipitar confrontos interpessoais ou intergrupais. Ao contrário disso, ter conhecimento, saber falar e lidar com parceiros e irmãos no mundão, que é o universo do crime, da prostituição, do tráfico, das tretas, das guerras, é percebido como um modo de conjurar conflitos.

O querer falar mais alto implica em falta de consideração de um indivíduo para com o outro. Afinal, querer falar mais alto é rebaixar o outro. Ao contrário, falar de igual para igual é uma característica atribuída aos indivíduos que entendem que parceria é andar lado a lado. No campo semântico, a palavra bichão está associada a um tipo de indivíduo que luta pela supremacia nas relações de poder na favela. Ocorre que os usos da palavra bichão estão relacionados a diversos contextos e o querer falar mais alto é a maneira de relatar compartilhada por vários dos meus interlocutores envolvidos ou ex-envolvidos com o circuito das “tretas”.

Este artigo busca explicitar no contexto etnográfico da socialidade armada nas favelas de beira de praia da orla da cidade de Fortaleza, capital do Estado do Ceará, algumas pistas para que se possam compreender os usos dos símbolos, enquanto discursos performativos, da pacificação na tessitura dessa trama de relações de poder que fazem do bichão da favela a vítima e o matador de outros indivíduos que se imaginam na mesma condição, ou seja, no mesmo universo de compreensão do que seja tornar-se um bichão. Adotamos o ponto de vista da construção da trajetória e das falas de um personagem

central para tais tramas, como se verá a seguir.

Evandro e a Pracinha do Abel

Evandro da Rocha é filho de Antônio e Maria do Livramento, casal de agricultores vindos do município de Granja no interior do Ceará. Vieram em busca de melhor qualidade de vida na Capital, porém, nunca conseguiram alcançar o objetivo almejado. Instalaram-se no Pirambu, mais precisamente na comunidade Pracinha do Abel, aonde começaram a fincar suas raízes com o nascimento e criação dos 4 filhos. Devido à baixa escolaridade Maria não teve oportunidades senão trabalhar em casas de família como empregada doméstica, já Antônio, por ter sido alfabetizado, conseguiu empregar-se em transportadoras e panificadoras.

Filho mais velho do casal, Evandro ainda criança, devido a difícil situação financeira da família, começou a seguir e acompanhar os passos do pai que trabalhava em uma padaria e levava seu filho consigo. Os dois saíam ainda de madrugada, às três horas da manhã, para despachar e vender pães para outros comerciantes. Evandro assim, com seus 10 anos já carregava a obrigação de conciliar seus estudos com o mundo do trabalho, porém, compartilhando situação semelhante com seus pais, o menino não conseguiu concluir seus estudos, os interrompendo na quinta série. Nosso interlocutor conta que continuou a trabalhar nesse caminho até seus quinze anos.

Até os quinze anos eu fiquei nesse ritmo. Muita das vezes eu até tomava o lugar dele, despachando os pães nas padarias, fazendo as contas, recebendo o dinheiro e acertando lá com o gerente o que a gente devia. Até meus quinze anos eu caminhei aí nesse pensamento, nessa vontade.

A infância de Evandro também foi permeada pelo sonho, alimentado principalmente por sua mãe, de ser marinheiro. Ela mostrava ao filho as fotos de seu primo, que ficava encantado com a possibilidade de um dia se tornar um marinheiro, estudar e conseguir dar uma melhor condição de vida para a sua família. Ele nos conta que o seu eu criança era, como qualquer criança, segundo ele, cheio de esperança e inocência.

(...) o Evandro criança era, como eu acho que toda criança que nasce e vai crescendo, vai crescendo cheia de esperança, né, ela nunca pensa no mal, em derramar sangue, em usar droga, em ferir alguém, né, nem destruir a vida de ninguém. A gente sonha dar uma boa condição de vida aos nossos pais, em ter uma boa condição, nos nossos estudos né.

Ainda na sua infância, Evandro experimentou viver na sua comunidade, Pracinha do Abel, de maneira diferente do que experimentou nos anos que se seguiram de sua vida. Ele nos conta que era um espaço, em suas palavras, muito bacana, cheio de árvores e com casas de taipa e barracos. Lembra-se que nessa época não havia energia no bairro e que viu os postes de energia sendo trazidos para levar luz e eletricidade à comunidade. Recorda também da união que havia entre os moradores que compartilhavam com seus vizinhos o pouco que tinham, como oferecendo café e açúcar para aqueles que estavam com os produtos em falta.

Cheio de amigos, por conta da quantidade de crianças que a comunidade sempre abrigou, ele tinha o costume de brincar na rua, dando enfoque para as brincadeiras que aconteciam na praia e que o mar sempre fora o melhor amigo dos moradores, principalmente, das crianças e dos jovens. Diz também, que na época já havia ocasiões em que era possível ver sinais de violência, como em assaltos, tráfico de drogas e usuários das mesmas, mas que na época, apesar disso, era diferente, pois além desses atos acontecerem em locais mais afastados de onde os moradores estavam, não havia a possibilidade daqueles que transitavam entre os transgressores serem diretamente afetados por essa violência, sendo atingidos, por exemplo, por uma bala perdida.

Durante a adolescência Evandro passou, de acordo com o que ele nos conta, por uma primeira fase de transformação em sua vida. Devido ao encanto de oportunidades e recompensas que a vida do crime parecia oferecer, o jovem despreendeu-se dos sonhos de criança, assim como a inocência e começou a aproximar-se da violência que presenciava em sua comunidade. E com o agravante do aumento da violência dentro da comunidade ao longo dos anos, como por exemplo a questão do tráfico de drogas, o rapaz acabou abandonou a vida próxima aos pais para envolver-se na vida do crime. Narra que a motivação para tal mudança foi o incentivo de amigos que garantiam a facilidade de envolver-se com sucesso na vida do crime aliado com a vontade de ter itens de consumo tal como roupas e a possibilidade de ganhar mais dinheiro conseguindo uma melhor qualidade de vida para si e sua família além de ter um maior ciclo de amigos e a companhia de mulheres.

Além das motivações já descritas a cima, Evandro relata também que na adolescência ele passou a perceber alguns conflitos na sua família, como os problemas do pai com o álcool e o desemprego do mesmo, impossibilitando assim, que Evandro também o acompanhasse no trabalho. A partir de então ele relata que começou a realizar pequenos furtos a fim de garantir itens de consumo para ele e a família além de ter iniciado

na mesma época a consumir entorpecentes. Assim, o envolvimento no crime foi acontecendo de forma gradual, tendo início em pequenos atos desviantes como o uso de drogas até crimes considerados graves, como assassinato.

Você vai lá, aí você começa a fumar um cigarro, aí do cigarro você já vai fumar um baseado, aí do baseado já vai usar um comprimido, aí já vai a cocaína, aí já começa a fazer um pequeno furto, aí já começa a fazer um assalto, aí já tá vendendo, aí você já vira ali um cara do crime, e aí você já esquece todos os seus sonhos de criança e todos seus comportamentos de criança, seus comportamentos que eram justos, e aí você já passa a ter comportamentos errados, vivências erradas, o vício já entra na sua vida, os maus comportamentos já começam a tomar conta de você.

O primeiro cargo ocupado por Evandro na carreira do crime foi como *lanceiro* que consiste em ir ao Centro da Cidade furtar carteiras de forma discreta, sem que a vítima perceba, abrindo as bolsas ou as rasgando com lâminas de barbear. Hoje o interlocutor considera que a entrada nesse caminho acabou o tornando uma pessoa de caráter ruim e que devido a isso, acabou derramando muito sangue. Evandro afirma que na época sentia prazer em roubar e ferir as pessoas. Ele compara a vida no crime com a dependência química.

Eu passei a gostar de tirar o que é dos outros, de roubar, de ferir os outros... tinha um prazer de maltratar as pessoas, sabe. Porque esse costume vai invadindo a tua alma, o teu ser, e tu fica acostumado com aquilo, é igual o cigarro, todos os vícios que você usa, o cotidiano dele na tua vida vai cada vez mais aumentando, então essa coisa de derramar um sangue dum aqui porque falou uma besteira comigo, eu já fui gostando de fazer, já fui gostando de roubar, aí todo dia tava roubando...

Com o faturamento que tinha dos roubos, o interlocutor conta que comprava drogas, dando destaque ao rupinol, medicamento indicado para o combate a insônia, porém, usado em excesso e com abuso de álcool causa efeitos entorpecentes. Evandro conta que a referida droga aflorava seus sentimentos de raiva e estimulava seus impulsos de violência. Segundo Evandro, devido a alteração que as drogas causavam, ele acabou matando duas pessoas. Na ocasião do primeiro assassinato Evandro tinha 17 anos, e acabou tirando a vida de um traficante que liderava gangues da região. Anos depois, ao longo de sua vida, Evandro matou novamente, mas dessa vez, uma pessoa que não era envolvida com atividades criminosas. A ocasião foi motivada por uma discussão entre os dois e, por estar sob efeito de entorpecentes, teve como desfecho o assassinato de um deles. As famílias das vítimas ainda dividem a mesma comunidade com Evandro, que

ainda se encontra com eles pelas ruas e até divide espaços, como nos encontros da igreja que frequenta.

Vivem por aqui... vivem por aqui. Hoje eles já me veem com outros olhos, porque já são 13 anos que eu mudei de vida, que eu tenho outro comportamento. Alguns passam por mim.... Têm uns aí que até me cumprimentam, assim, de um né...

Não só a vida de Evandro parece ter passado por uma fase de transformação, mas também, o próprio bairro aonde vive, de acordo com as comparações feitas pelo interlocutor de suas lembranças mais antigas da Pracinha do Abel, em que viveu sua infância, com aquelas mais recentes, em que parece ter vivido sua adolescência. Anteriormente havia uma certa unidade entre as pessoas da comunidade que, com o passar dos anos, foi se perdendo e dando lugar a conflitos de território por drogas, além de brigas interpessoais. Outro ponto de transformação relatado por Evandro se refere ao uso de drogas, que antes era feito às escondidas e, já na sua adolescência, passou a ser realizado nas ruas do lugar, na praia e nos ambientes comuns a todos os moradores.

Evandro acompanhou o desenvolvimento de sua comunidade e a intensificação dos conflitos entre gangues, onde relata ter tido ‘inimigos’. Os tiroteios eram constantes e ele relata que a todo momento tinha de se abaixar e, caso não estivesse com sua família, ficava preocupado, com medo de alguém ter sido atingido. Com o acirramento desses conflitos o bairro Pirambu, foi se segmentando cada vez mais e a Pracinha do Abel foi se tornando cada vez mais uma ilha. Os moradores passaram a ter dificuldades em circular pelo bairro e a situação chegou a ponto tão crítico que eles passaram a ficar isolados apenas nos quarteirões que compreendiam os limites da comunidade. De acordo com o interlocutor a segmentação do bairro não começou devido, ao que o pensamento comum geralmente acredita, por conta de disputas por locais para o tráfico de drogas, a história contada por nosso interlocutor respeita dois pontos de vista, a do “lado de cá” dos moradores da Pracinha do Abel, que devido a brigas entre moradores do que vieram a se tornar os segmentos vizinhos em bailes funks que começaram a criar essa fronteira que veio a ser desenhada com sangue. Do “lado de lá” a história é que por conta de um conflito entre alguns moradores que discutiam sobre os direitos que cada um dos lados tinha sobre um parquinho de praça para crianças é que se deu início ao conflito.

Essa segregação afetou os moradores de tal forma que passaram a ter suas possibilidades de realização reduzidas pois as crianças não podiam ir à escola, as pessoas não podiam ir até o posto de saúde e nem mesmo ir até o ponto de ônibus, visto que todos

esses lugares ficavam em território inimigo. A segregação era tão latente que os moradores da área passaram a ser conhecido como ‘Os Abel’. Quando alguma dessas pessoas cruzavam as fronteiras dos segmentos eram hostilizadas e esse conflito gerava, por diversas vezes, intrigas e diversas mortes.

Evandro estava ligado ao tráfico no segmento em que morava, estava envolvido na vida do crime e era conhecido pelos assassinatos cometidos. Assim, ao completar a maioridade penal, logo foi preso. Quando indagado sobre sua vida adulta a primeira narrativa que lhe vem à cabeça é o cárcere.

Essa fase adulta eu não tive quase fase adulta né, porque quando eu inteirei 18 anos eu fui pra prisão. Fui a prisão, primeira prisão, fui ao Olavo I¹, e lá passei sete meses e quinze dias, no sofrimento, aonde você vai lá, e lá não tem nada que recupere ninguém, né verdade? No presídio, né.

Evandro relata que sua primeira experiência no presídio foi amedrontadora, pois, além de não conhecer a lógica do ambiente, ainda encontrou dentro do cárcere alguns desafetos, pessoas que eram suas inimigas e a quem ele teve de se proteger durante todo o período em que ficou aprisionado. O interlocutor também narra o sofrimento que é estar recluso, diz que passou fome, se sentiu desprezado, humilhado, além de experimentar o abandono das pessoas que eram suas amigas. Apenas sua mãe costumava lhe visitar, levando companhia ao filho, além de comida e itens de higiene básica, muitas vezes comprometendo o sustento da família inteira para poder ajudar ao filho que estava preso.

Eu passei sete meses e quinze dias lá no primeiro processo que foi um artigo 157 e assim, mas saí com o mesmo pensamento, que até então não tinha alguém que conversasse comigo, abrisse minha mente, falasse na verdade como é o proceder da vida né, que a vida a gente tem que, tem que ter regras para ter uma boa vida, um bom modo de viver você precisa ter uma vida regrada, se você não tiver uma vida regrada a sua vida não vai ter paz. Então eu saí de lá com os mesmos pensamentos, volto pra liberdade, que a gente chama né, pro mundão, e aí as mesmas besteiras, roubo, tráfico. E aí uma intensidade maior, de passar a noite drogado, roubando, derramando sangue, arrumando confusão. Aí volto de novo pra lá, pro IPPS, aí dessa vez eu passo seis anos.

¹Desativado em 2012 pelo Governador Cid Ferreira Gomes e na gestão da secretária da Justiça e Cidadania, Mariana Lobo. Era uma unidade que abrigava presos do regime semiaberto. Localizado no município de Fortaleza, o Instituto Presídio Professor Olavo Oliveira I foi inaugurado a 25 de maio de 1978, na gestão do então Governador do Estado Cel. Adauto Bezerra de Menezes, sendo Secretário do Interior e Justiça o Dr. Hugo de Gouveia Soares Pereira. Naquela época, era abrigo para presos indiciados (provisórios) que aguardavam julgamento.

Entre idas e vindas, Evandro passou seis anos preso. Em sua experiência no cárcere, presenciou uma das piores rebeliões do sistema penitenciário do estado do Ceará. No ano de 1994 no Instituto Penal Paulo Sarasate², Dom Aloísio Lorscheider, então arcebispo da Arquidiocese de Fortaleza, uma comissão dos Direitos Humanos e representantes da imprensa, realizaram uma visita ao IPPS para apurar denúncias de superlotação e maus tratos contra os detentos.

Após a peregrinação pelas celas, estavam previstas uma missa e a cerimônia de lava-pés, porém a missa não chegou a se concretizar. Dom Aluísio foi rendido e iniciou-se uma rebelião onde os internos fizeram 13 reféns e só teve seu fim vinte horas depois na cidade de Ibaretama no interior do Ceará. De acordo com reportagem do jornal local *O Povo*: “Os acontecimentos daquele 15 de março de 1994 viraram notícia. Ganharam repercussão internacional. Há exatos 20 anos, o então arcebispo de Fortaleza, dom Aloísio Lorscheider era sequestrado por 14 detentos no maior presídio do Ceará”. (COSTA. 2014)

Evandro conta que viveu momentos de terror nesse dia, pois, quando a polícia entrou no presídio, efetuou disparos indiscriminadamente e que viu um de seus companheiros de cela ter a cabeça baleada bem ao seu lado. Além das rebeliões também viu morrer detentos devido a péssima infraestrutura do local que ocasionavam alguns acidentes fatais, além da falta de assistência médica e psicológica.

Eu vi preso morrer de doença, que até então não tinha uma assistência médica lá, até o médico vinha e tal, mas tudo era só de fachada, só pra ganhar o dinheiro deles e tal. Muitos amigos meus morreram de doença. Eletrocutados, porque assim, em cima da cela tinha um forro assim, aonde ficava a energia, tinha um buracozinho que era o buraco da luz, aí a galera entocava lá nesse buraco as suas armas, suas barra de ferro, suas faca. Aí muita das vezes eles drogado, ia lá tirar, aí nisso que tirava pegava a mão num fio, aí morria eletrocutado. Então vários morreram nessa condição. Outros endoidaram, assim, perderam sua saúde mental por ter sido abandonado, pela família ter deixado, endoidaram. Foi esbarrar num manicômio, aí com o tempo morre, porque se agrava a saúde com outras doenças.

²Unidade desativada em agosto de 2013 pelo Governador Cid Ferreira Gomes e na gestão da secretária da Justiça e Cidadania, Mariana Lobo. Penitenciária desativada, localizada no município de Aquiraz, na BR 116, Km 27, o Instituto Penal Paulo Sarasate foi inaugurado a 18 de agosto de 1970, na gestão do então Presidente da República, o General Garrastazul Médici, do Ministro da Justiça, Alfredo Buzaid e do Governador do Estado, o Dr. Plácido Aderaldo Castelo, sendo Secretário do Interior e Justiça o Dr. José Napoleão de Araújo. O IPPS foi construído com capacidade para 400 presos para substituir a Casa de Detenção de Fortaleza. Seu primeiro preso foi Júlio Vicente de Oliveira, vulgo Paraíba. Nas décadas de 80 e 90, o IPPS teve sua capacidade triplicada.

Após todos esses anos de cárcere, de sofrimento e de conflito, Evandro teve direito a liberdade concedido e pode então retornar à comunidade em que sua família vivia e onde havia passado sua infância e adolescência. Ao retornar a Pracinha do Abel, percebeu a comunidade ainda mais violenta, entregue aos conflitos armados interpessoais e as brigas entre gangues e vizinhos. Na época em que saiu do presídio outros amigos, homens que também moravam na comunidade, que cresceram junto a ele, também ganharam liberdade. Juntos, eles perceberam que a situação só se agravava e que não havia muitas oportunidades para eles, suas esposas, seus filhos. Ele relata como, junto a essas pessoas com histórias de vida semelhantes à dele, buscaram mudar a comunidade.

Com os nossos companheiros de infância daqui, mulheres e homens que foram a prisão e sofreram e um dia eu tava conversando com a galera, com meus antigos amigos que ainda estavam no crime aí chegou um dos meus amigos pra testar umas armas, umas 12 e umas pistolas e aí quando eles correram pra praia pra testar, correu aquele bocado de criança pra perto deles pra olhar. Aí eu fiquei olhando assim, fiquei observando... pensei 'essas crianças vão sofrer da mesma forma que eu', abismadas com o que é errado... porque foi isso que me levou a sofrer, foi a mesma ferramenta: foi a arma, foi a droga... Então eu disse, eu tenho de fazer algo pela minha comunidade, eu não posso ficar só entregando folheto, eu não posso ficar só falando de transformação, eu tenho de buscar a transformação mesmo que seja no aspecto físico ou espiritual. Então eu juntei primeiramente eles, o pastor Carlim, o irmão Gustavo, o irmão Wellington, o Ricardo e eu propus essa ideia pra eles, nós reunimos os meninos e dissemos 'Olha, nós não temos nada, mas vamos nos unir pra gente transformar nossa comunidade, bora formar um projeto social na comunidade. Quem acredita?' E eles acreditaram e estamos aí!

A partir desse momento, com a ajuda de outros homens que tiveram experiências semelhantes à de Evandro, foi fundada a Associação Resgatando Vidas que atende cerca de noventa crianças, praticamente todas da comunidade, e oferece escolinha de futebol e de surfe. A associação se mantém apenas com doações que Evandro tenta conseguir e com apoio esporádico de pessoas que entram em contato com a história de Evandro. Articulado, ele já foi até emissoras de televisão para divulgar sua iniciativa, a fim de que surja algum bem-feitor que possa contribuir com regularidade ao projeto.

Durante nossas visitas à Pracinha do Abel, caminhando pelas ruas da comunidade, percebemos como Evandro acompanha os meninos. Quando encontra algum deles na rua, os chama, conversa, pergunta como está, como um pai que busca notícias do filho. Todos os meninos e rapazes que são atendidos por ele, mesmo os envolvidos com o crime, o respeitam, cumprimentam e relatam sobre sua rotina com o responsável

pela associação. Atualmente, não há nenhum equipamento de lazer na comunidade, nada que promova o esporte, apenas o mar aberto e a areia da praia que são a estrutura que Evandro aproveita para desenvolver suas atividades com os garotos.

Apesar de o projeto ser direcionado para os jovens da comunidade, Evandro, de acordo como mostra seus relatos, parece ir além. Ele busca ajudar a comunidade como um todo, buscando junto a prefeitura melhores condições de moradia para os moradores, cuidando do destino correto do lixo da comunidade, advertindo a todos o local correto da coleta e ainda ajudando a alguns moradores na busca de emprego, principalmente aqueles que já foram envolvidos com o crime e com ficha criminal, uma vez que, o interlocutor vê neles seu próprio esforço e frustração quando também não conseguia trabalho formal devido ao seu passado.

Evandro conta, que os jovens que são envolvidos no crime o respeitam tanto quanto os não envolvidos, ele nos relata de vezes que impediu a morte de alguns desses rapazes, envolvendo-se no conflito e convencendo àqueles que matariam a deixá-los irem. Porém, apesar de todo o esforço de Evandro para promover atividades da associação, assim como tentar impedir que algumas medidas de violência extrema fossem adotadas em sua comunidade de forma pontual, ele nada podia fazer em relação à guerra entre as gangues, assim como a falta de alguns serviços básicos para a comunidade, dos quais eram privados não somente pelo poder público, mas pelo poder das facções, tal como posto de saúde, escola e o principal, o poder de ir e vir dos moradores que, com o passar dos anos, foi se tornando cada vez mais restringido e deixava Os Abel encarcerados dentro dos quarteirões de sua comunidade, cercados por fronteiras armadas e machadas com mortes. No dia em que entramos na casa de Evandro a primeira vez, vimos uma fotografia antiga emoldurada na parede, em que continham homens de sua família, seu pai, irmãos e sobrinhos, nesse dia, ele nos apontou o rosto de dois desses homens, o irmão e o sobrinho, que morreram envolvidos nessa guerra de fronteiras.

Paz imposta

Em janeiro do corrente ano, Evandro relata que começou a ouvir boatos de que haveria paz na comunidade. A história que corria entre as vielas da Pracinha do Abel era de que os chefes das facções estariam interessados que houvesse um cessar fogo entre eles, que não garantiria uma aliança, mas sim, uma trégua, evitando que envolvidos e não envolvidos de todos os lados do conflito não mais morressem. Nosso interlocutor afirma

que foi um dos primeiros a entrar em contato com essas lideranças e dar sua opinião sobre a questão.

Eu fui um dos primeiros a dizer ‘Aceita, aceita!’. Até porque a galera daqui não saía pra nenhum canto! A gente era os mais prejudicados, todas as comunidades queriam tirar a vida deles, então, pra eles era bom que tivesse a paz porque eles poderiam andar em todas as outras comunidades. As outras comunidades andavam por aí de moto, de carro, de pé, eles não, eles só ficavam por aqui assim, aqui dentro, então, eles conversaram lá com esse pessoal e tal.

Assim como nas ruas da comunidade, em meados de janeiro, a história de uma suposta “pacificação” começou também a circular pelas redes sociais e em jornais de grande tiragem da cidade de Fortaleza que nomearam a situação, de acordo com o que dizem ter ouvido nas comunidades, de “Pacificação”. Nesses, a narrativa era de que quadrilhas de vários bairros da cidade, não somente no Pirambu e seus segmentos, haviam decretado uma trégua. Essas notícias vieram acompanhadas de um fato marcante, dado pela Secretária de Segurança Pública e Defesa Social (SSPDS), em janeiro de 2016 houve uma queda de 50% dos homicídios em relação ao mesmo mês do ano anterior. Rapidamente, esses dados foram atrelados as notícias que se tinham sobre a pacificação, uma vez que ela, se realmente houvesse se efetivado, ordenará o cessar fogo dentro das comunidades. Contudo, o Governo do Estado não creditou a legitimidade aos fatos estarem associados. A SSPDS afirmou desconhecer a veracidade da pacificação entre as gangues, enquanto o atual governador do estado, Camilo Santana, afirmou que as informações de tal paz só poderia ser uma “brincadeira”. Em trechos da fala do governador publicada em um jornal do Estado ele afirmou “A redução dos homicídios no Ceará tem sido um esforço, devo destacar isso, do comprometimento das forças de Segurança Pública do Estado. Da integração das forças, das estratégias e do fortalecimento das ações”.

Enquanto isso, na Pracinha do Abel os boatos propagados nas ruas e nos jornais se tornaram realidade. Evandro nos conta que não sabe ao certo quem ordenou, mas quando pode notar, estavam dentro da comunidade pessoas vindas de outros segmentos. Homens, mulheres, crianças, idosos, todos haviam vindo para o que foi chamado de festa da paz. Envolvidos com o mundo do crime de todo o bairro vieram até a praça que nomeia o segmento e colocaram seus carros com sistemas de sons para tocar, enquanto usavam drogas, bebiam, conversavam entre si e abraçavam-se. Os relatos dão conta de cerca de três mil pessoas no local, festejando, cantando e dançando ao som dos carros estacionados

no local. O interlocutor narra que buscou um microfone e conversou com as lideranças que estavam no local e fez uma oração, agradecendo pela paz que chegava até a comunidade. Conforme os moradores, ao final de duas horas de reunião, a festa acabou com a chegada da polícia de forma truculenta, jogando spray de pimenta em todos que estavam no local.

Depois desse evento, estava decretado: não se podia mais derramar sangue na comunidade. As fronteiras que prendiam e separavam os moradores dos segmentos haviam ido. Muitas mudanças ocorreram depois desse momento de festejo, além da diminuição nos crimes, as fronteiras estavam abertas e as pessoas passaram a poder se locomover pelo bairro sem a ameaça de estar entrando em território inimigo e sofrer problemas devido a isso. Essa medida afetou diretamente as crianças, que não podiam estudar na escola, visto que a mesma se situava ‘no outro lado’. Além disso, as pessoas da Pracinha passaram a poder utilizar o posto de saúde próximo de casa, a usufruir a área de lazer do bairro, portanto, essa mudança teve um impacto positivo na devolução de direitos desses moradores, inclusive dando fim ao apelido que denominava as pessoas segregadas naquela comunidade. A partir dessa mudança, não é mais permitido os chamar de ‘Os Abel’, pois agora eles estão integrados novamente a grande Pirambu.

Mudou a vida das crianças porque a nossa comunidade não tem equipamentos, como eu falei, de esporte e lazer. Então antes a gente não podia sair para os outros cantos “Ô gente, vamos lá na Barra, vamos jogar na quadra de lá, na quadra do colégio do Carlito, vamos pra praia da leste, surfar e tal! ”. A galera também, os jovens vão. As senhoras vão visitar... porque tinha até parentes que moravam na outra comunidade e não podia ir porque se fosse a galera já entendia mal!

Festas como a que aconteceu no dia do anúncio da pacificação passaram a acontecer com uma maior frequência. Os bailes de favela, como são conhecidos pela comunidade, acontecem como comemoração pelo simples fato das pessoas poderem ocupar o bairro, de forma verdadeira e sem maiores restrições. Devido ao som alto e ao alto consumo de drogas durante essas festas, não são todos os moradores que gostam da existência dela na comunidade, contudo, Evandro diz que os jovens respeitam os outros moradores, desligando os sons quando pedido. As festas alertam, contudo, para o que parece ser um novo inimigo em comum, a polícia. Segundo os relatos de Evandro e outros moradores, as festas acabam sempre de forma truculenta, com uma violência oferecida principalmente do lado policial. Essa nova movimentação também aqueceu o comércio

do bairro visto que novos consumidores podem chegar até seus estabelecimentos: pequenos mercadinhos, armarinhos, lanchonetes.

A comunidade parece estar feliz com a paz que agora vigora. Pessoas ocupam os lugares, não só nas festas, mas também na beira da praia, aonde estão sendo feitas barraquinhas de comida e famílias se reúnem para passar uma manhã do final de semana perto do mar, onde sempre é possível ver um dos meninos do projeto do Evandro pegando ondas. Contudo, ele nos conta que, a partir de sua percepção, apesar da felicidade de poder de certa maneira, se sentir seguro ao ser pertencente de vários locais do bairro, ninguém gosta da forma que ela chegou. É uma paz que incomoda.

É porque dizem que foi da forma errada, né, pela malandragem, pelo crime. E todo mundo sabe que quem é pra exercer a paz são as autoridades, a igreja, os cidadãos... A meu ver era a gente que era pra propor isso, era a gente que era pra promover isso, a gente falhou nessa condição, de modo geral, igreja, autoridades, a gente falhou nisso, né. Então a gente acha legal que tá tudo bacana, mas, eu como cidadão não apoio, não apoio nunca! Não apoio!

Sabe-se que a pacificação surgiu a partir de uma suposta ordem de dentro dos presídios cearenses. As suspeitas apontam para líderes de duas facções criminosas, Primeiro Comando da Capital (PCC) e Comando Vermelho (CV), que apesar de ocuparem os presídios cearenses já há longa data tinham sua existência ignorada pelas autoridades do Estado. Nosso interlocutor, ao caminhar pelas ruas do bairro conosco nos apontava pichações com os dizeres acompanhados de um coração “PAZ CV”, tais pixos com a sigla “CV” não ocupavam a comunidade até a dita pacificação, surgiram após a festa que uniu os lados da Pracinha do Abel. Tal fato, aumenta a credibilidade das suspeitas levantadas.

Com isso, apesar de a ordem ser de paz, as favelas, bairros populares, comunidades da capital cearense parecem ainda viver sob um clima de tensão, seja pelos conflitos com a polícia que, de acordo com os relatos, parecem ter se tornado mais violentos, ou seja, pelo medo da fragilidade dessa paz surgida pelo crime. Outros relatos apontam que há mais regras do que as expostas nesse texto, e que tais regras criadas para manter a paz tendem a variar e ser diferentes de comunidade para comunidade. Além disso, o Governo do Estado está cumprindo suas medidas de segurança sem dar a devida credibilidade as suspeitas fortemente fundamentadas desse acordo de paz que surgiu não somente na comunidade abordada no texto, mas em boa parte da cidade de Fortaleza.

Considerações finais

Este trabalho é uma primeira aproximação de um campo que se abre a partir de um campo anterior mais longo. Apesar da experiência de pesquisa estar sendo realizada desde 2008 como salientamos no início do trabalho, os eventos relatados, em especial, o da pacificação, deram início a uma nova configuração empírica, com mudanças consideráveis no funcionamento das práticas de extermínio tais quais vínhamos acompanhando antes. Deste modo, a tarefa principal a partir deste primeiro paper será elaborar rendimentos analíticos mais aprofundados no confronto com o espaço empírico já aberto, bem como a realização de novas incursões, que nos permitam dialogar com mais interlocutores, a fim de ampliar a base de falas sociais sobre o processo investigado. De qualquer modo, os relatos já registrados aqui dão a orientação geral para a retomada do trabalho de campo que se realizará ao longo do ano. Ainda consideramos muito cedo para avaliações peremptórias sobre o caráter passageiro ou duradouro dos arranjos e relações de poder ligados à pacificação. Novos eventos de assassinatos e julgamentos de mortes não autorizadas parecem não estar totalmente sob o controle das facções que estão promovendo-se em torno da pacificação, bem como as recentes rebeliões nos presídios, de onde a pacificação vem sendo “comandada”, demonstra que o próprio ambiente prisional não está completamente pacificado como pareciam fazer crer as facções do PCC e do CV em relação ao conjunto mais amplo das facções prisionais. Ainda é cedo para apontar hipóteses decisivas ou substantivas. Trata-se de um campo em aberto, um campo em aberto de questões.

REFERÊNCIAS

- AUSTIN, John. (1990), Quando dizer é fazer: Palavras e ação. Porto Alegre, Artes Médicas.
- BAILEY, Frederick Georg. (1971), “Gifts and Poison”. Em: Gifts and Poison: The Politics of Reputation. Oxford, Basil Blackwell.
- BARREIRA, César. (2008), Cotidiano despedaçado: Cenas de uma violência difusa. Fortaleza/Brasília/Campinas, Funcap/CNPq-Pronex/Pontes.
- BRICEÑO-LEÓN, Roberto. Violencia urbana en América Latina: Un modelo sociológico de explicación. Espacio Abierto Cuaderno Venezolano de Sociología, v. 16, n. 3, p. 541-574, jul./set. 2007.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, L. R. A dimensão simbólica dos direitos e a análise de conflitos. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, v. 53, n. 2, 2010.

CARDOSO DE OLIVEIRA, L. R. Existe violência sem agressão moral? Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 23, n. 67, p. 135-193, jun. 2008.

CAVALCANTE, Ricardo Moura Braga. “VIDAS BREVES: investigação acerca dos assassinatos de adolescentes em Fortaleza” (Dissertação de Mestrado). UECE, 2011.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. O medo dos outros. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, v. 54, n. 2, 2011.

CLASTRES, Pierre. (2003), A sociedade contra o Estado. São Paulo, Cosac Naify.

CRAPANZANO, Vincent. (2005), “Horizontes imaginativos e o aquém e além”. Revista de Antropologia da USP, Vol. 48, no 1.

DAS, Veena. Fronteiras, violência e o trabalho do tempo: alguns temas wittgensteiniano. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 14, n. 40, jun.1999.

DERRIDA, Jacques. (2007), Força de lei. São Paulo, Martins Fontes.

FONSECA, Claudia. Família, Fofoca e Honra. 2. ed. Porto Alegre, RS: UFRGS EDITORA, 2004.

FOUCAULT, Michel. (2008), Segurança, território, população: Curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo, Martins Fontes.

MISSE, Michel (org.). (2008), Acusados e acusadores: Estudos sobre ofensas, acusações e incriminações. Rio de Janeiro, Revan.

NOGUEIRA, André Aguiar. (2006), Fogo, vento, terra e mar: Migrações, natureza e cultura popular no bairro Serviluz em Fortaleza (1960-2006). Dissertação (mestrado). PUC-São Paulo.

OLIVEIRA, André Lobo de. Conflitos urbanos e políticas públicas no Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

PAIS, José Machado. (2003), Vida cotidiana: Enigmas e revelações. São Paulo, Cortez.

31

_____. (2006), “Buscas de si: Expressividades e identidades juvenis”. Em: ALMEIDA, Maria Isabel [e] EUGENIO, Fernanda (orgs). Culturas jovens. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. PICCOLO, Fernanda Delvalhas. Sociabilidade e Conflito no Morro e na Rua: Etnografia em um Centro Comunitário em Vila Isabel. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

PINHO, Érika Bezerra de Meneses. “O tempo bom do Farol”: transgressões, sociabilidade e afeto nas trajetórias de ex-prostitutas idosas. 2012. Dissertação (Mestrado)

em Sociologia) – Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

RATTON, J. L.; GALVÃO, Clarissa; FERNANDEZ, Michelle. Pact for life and the Reduction of Homicides in the State of Pernambuco. *Stability: International Journal of Security & Development*, 3(1): 18, pp. 1-15, 2014.

SÁ, Leonardo Damasceno de. (2010) A condição de “bichão da favela” e a busca por “consideração” DILEMAS 355.

_____. (2009), “Reflexões sobre o trabalho de campo como empreendimento micropolítico”. Em: MENDONÇA FILHO, Manoel [e] NOBRE, Maria Teresa (orgs). *Política e afetividade*. Salvador/São Cristóvão, Edufba/Edufs.

_____. (2010), *Guerra, mundão e consideração: Uma etnografia das relações sociais dos jovens no Serviluz*. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal do Ceará.

_____ [e] BARREIRA César et alii. (1999), *Ligado na galera: Juventude, violência e cidadania na cidade de Fortaleza*. Brasília, Unesco.

SANTOS, José Tavares dos. (2009), *Violências e conflitualidades*. Porto Alegre, Tomo Editorial.

TEIXEIRA, César Pinheiro. Crime, drogas e violência elementos para uma hermenêutica do “bandido”. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, XIV, 2009, Rio de Janeiro 34 RJ. Anais. Disponível em: <http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=50&Itemid=171> Acesso em 5 mar. 2014.

VIANNA, Adriana; FARIAS, Juliana. A guerra das mães: dor e política em situações de violência institucional. *Cadernos pagu*, São Paulo, UNICAMP, v. 37, p. 79-116, jul./dez. 2011.

WHYTE, William. (2005), *Sociedade de esquina*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

ZALUAR, Alba e BARCELLOS, C. Mortes Prematuras e Conflito Armado pelo Domínio das Favelas no Rio de Janeiro. *RBCS*, vol. 28, fev., 2013.

ZILLI, Luís Felipe. Adolescentes e jovens em grupos armados ilegais: comparação entre Rio de Janeiro e Belo Horizonte. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, XV, 2011, Curitiba-PR. Anais. Disponível em: <http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=168&Itemid=171> Acesso em 5 mar. 2014.

JORNAIS

COSTA, L. Sequestro de dom Aluísio completa 20 anos. **Jornal O Povo**. Disponível em <http://www.opovo.com.br/app/opovo/cotidiano/2014/03/15/noticiasjornalcotidiano,3220632/sequestro-de-dom-aloisio-completa-20-anos.shtml> Acesso em 13 de junho em 2016

Jornal O Povo. Resposta da SSPDS. Secretário desconhece união entre quadrilhas. *Jornal O Povo*. Fortaleza, 31 de jan. de 2016. disponível em: <<http://www.opovo.com.br/app/opovo/dom/2016/01/30/noticiasjornaldom,3569038/resposta-da-sspds-secretario-desconhece-uniao-entre-quadrilhas.shtml>> Acesso em 17 de junho de 2016.

Jornal O Povo. Grupos rivais organizam trégua em Fortaleza. *Jornal O Povo*. Fortaleza, 27 de jan. de 2016. disponível em: <<http://www.opovo.com.br/app/opovo/cotidiano/2016/01/27/noticiasjornalcotidiano,3567182/grupos-rivais-organizam-tregua-em-fortaleza.shtml>> Acesso em 17 de junho de 2016.

PAIVA, Thiago. Número de homicídios cai pela metade em janeiro em Fortaleza. *Jornal O Povo*, Fortaleza, 04 fev. 2016. Disponível em <<http://www.opovo.com.br/app/fortaleza/2016/02/04/noticiafortaleza,3571330/numero-de-homicidios-cai-pela-metade-em-janeiro-em-fortaleza.shtml>> Acesso em 17 de junho de 2016.